

FESTIVOS APLAVSOS

NA FELIX VICTORIA

DAS ARMAS

LVSITANAS

E MEMORIAS FVNEBRES

No fatal destrago da profia Espanhola:

Na Batalha de

MONTES CLAROS.

Em 17. de Junho de 1665.

PELLO P. IOAM AYRES DE MORAES.

SYLVA.



STA he a vez primeira, ô Clio amada,

Que te pello prestada

Hũa pequena de agoa cristalina.

Lâ dessa Caballina,

Pera que hoje melhor eu cantar possa

A Iberia estragos, gloria à gente nossa.

Era do anno a Estação segunda,

Em que a festa jucunda

Da quelle Cortez Sancto, que em Lisboa,

Nascendo apenas ja o mundo atroa

Serafim Lusitano,

No sexto mes. do anno

Em quinta oitava alegre se festeja.

Na militante Igreja,
Quando Iberia sentida
De Montes Claros na fatal campanha
Perdeo amontes toda a flor de Espanha.
Opprimida Castella de hũa afronta
Que nos Annaes do tempo a fama conta
Desse choque do Cano,
Que o Lusó aplaude, & chora o Castelhana;
Por desatar hum nó que Austria deu forte
Hum Alexandre vir manda, do Norte
Onde regendo de Mauorte o leme
Se recea trovão, Rayo se teme,
Hum flagello cruel em fim nos manda
Por sentença final desta demanda.
Chega â Corte com grande defafogo,
Sô porque â Lysia ponha a ferro, & fogo
No consêlho se dão rasoens oppostas
Delle esperando bellicas respostas
Por ser experimentado,
A que elle satisfez com modo irado,
Falando desta sorte
Com vox rouca, & tremenda !
Eu, Atropos ferey desta contenda,
Porque em cortarlhe o fio
Conheça Portugal seu desvario,
E verâ que esta minha maõ robusta.
A terra faz tremer, o Auerno a susta.
Mas como o Regio amor no peito lhe arde,

Oupor

Ou por não se julgar que era covarde
Beijando a mão ao Rey, logo partindo
Os effeitos de Marte vay seguindo.

Com gente immensa o duro campo bate

Porque de hum sô combate

A Portugal derroque;

Naõ vendo que de Lyfia a fertil terra

Brotara pera a guerra

Valerosos soldados

Quando estivera exangue,

Pera o desbaratar, do mesmo sangue

Como de huma Serpente fez ja d'antes

Dos semeados dentes mil Gigantes.

Poluora apresta, muniçoens prepara,

Solicito não para

Traça fortins, & minas

Por destruir de Portugal as Quinas;

Mas forte o Portuguez que entende a traça

De nada se embaraça,

E nas armas guerreiro

Conduzio menos gente

Na conta, mas na força mais valente,

Porque he cada soldado

Defatado hum Leão, Tigre affanhado.

Chega esta nova ao forte Caracena;

E não temendo a pena,

(Do Portuguez galhardo

Que em Portugal o espera)



Com

Com nova de plumagens primavera,
Là em Villa Viçosa
Embarga o Pauc, porque intenta della
Reduzir Portugal todo à Castella;
Porem em vaõ profia
Se Antonio he proctetor, & mais Maria
Da gente Lusitana que os implora
General Sancto, sacra protectora,
Eassim o Portuguez nunca covarde
Naõ o teme, que o peito em valor lhe arde,
Everà neste seu fatal duelo
Que he nosso Portugal o seu Martelo,
Investe a praça que com ser aberta
A lança brande, & a espada aberta;
Mas della a poucas horas rompem logo
Abrazados Bolcoës Etnas de fogo,
Que já pera o successo inda futuro
Cada qual dos Sol dados era hum muro,
Que justo o Ceo em semelhante ensayo
Man da sempre o trovaõ, antes do Rayo.

Fez seus fortins, (que pouca valentia
Para hũa aberta praça)
Mas inda lhe custou bem fangue a graça,
Pois em vez de achar nella, a dita, & forte
Achou desolação estrago, & morte.
Vio Marialva [aquelle aquem a fama
Por bocas cento aclama,
Em dourados arnezes

Quebrantador do encanto dos Menezes,
Governador das Armas do Alentejo,
Que celebraõ as Naydas do Tejo
Que o inimigo feroz destrõe a Villa,
E que o Castello aperta,
E póde bem levala, por aberta.

Logo valente, & forte
Expondo valeroso o peito à morte,
(Do valor, alentado]
Subindose a hum Boreas animado
Apresta a carruagem,
Manda em troços a gente,
Que guerreira, & valente,
Que forçosa, & ligeira
Buscalo intenta junto da trincheira:
Conhece o Caracena na victoria
Lograr da palma a gloria
Com prevenir o posto
Adequado a seu gosto,
Ea trincheira largando
Bem melhor do que quis se foy formando;
Não deixando que os nossos
Fossem formados todos, ou mais grossos.
Mas Deos, que là do alto
Vio taõ cruel assalto,
Como justo não erra,
Não permitio que a gloria desta guerra
De Iberia fosse, quando só por nianha



Quer

Quer guerra introduzir na terra estranha.

A penas Caracena a nossa gente

Avistou, insolente

Quando, qual o Leão que com destreza

Larga no campo a que levava preza,

Por ver que o Tigre forte

Quer furtarlhe atrevido

O que tal ves alcança

Ferido do farpaõ, da bala, ou lança;

Affy o Ibero ouzado

Investe o Lusitano mal formado,

E tingindo algũ tanto a fraca espada,

Viçtoria por Castella ouve aclamada;

Mas os nossos, que entã juntos estavaõ,

Hũa morte em cada hũ dos golpes davaõ,

Que he o Luzo taõ forte

Que antes que o golpe de inculca à morte.

Ia do Ruivo mancebo o Carro ardia

E às espheras subia

Flamigerante, & louro

Por dar aos montes diademas de ouro,

E revestir as flores

De Nacar hũas, outras de candores;

Quando o Menezes que no verde agraco

De seus annos tingio em sangue o braço

Do Castelhana forte

Da paz luzeiro, Rayo de Mauorte:

Com valor mais que humano

O duro bronze affesta :
Só por fazerlhe com bombardas festa,
Que hum animo prudente
Quando os riscos festeja, he mais valente:
Mil corpos pellos ares
De Capitaes, soldados militares
Se vem voando logo
Huns da bala fatal, outros do fogo
Queimados ficaõ na campanha dura
Tal ves sem sepultura,
Onde as Driadas cantaõ por memoria
A elles hũ memento, a nós a gloria :
Neste fatal, & miserando estrago
Nos socorro o seu Patrão San-Tiago:
Porque se claramente avemos visto
Ser hum Primo de Christo:
Quando saõ suas Chagas
Do nosso Portugal armas divinas
Eternas haõde ser as suas Quinas;
Pello que me acomodo
Adizer, seu Patraõ foy nosso todo,
Eassy que desta sorte
Naõ teme nunca, naõ a Lusa gente
San German, Caracena, Austria valente,
E he toda Castella
De hũ Portugues pera a cruenta espada
Hum atomo, hum Pigmeo, hum quasi nada.

Logo o valente Conde

Do

Do Sancto, que o Cordeyro
No deserto mostrou, sóbe hum oiteiro
Onde está Caracena
Com pouca carne, mas com muita pena,
Valendose do alto
Por se liurar melhor do Marcio assalto,
Que com raras destrezas,
Lhe ameação as armas Portuguezas,
E falandolhe irado (que protento!)
De dous brutos aos pés, filhos do vento,
Remeteo as repostas,
E dando logo as costas,
Entende a minha Musa parou, onde
A Aurora nasce, & o claro Sol se esconde,
Que veloz na fugida, ou na cautella
Ser não podia em terras de Castella.

Crescia abulha, & declinava o dia,
Porque medroso o Sol tambem fugia;
Que hum Portuguez irado
O Sol engulirà de hum sôbocado,
Quanto mais Castelhanos,
Que as que despedem ballas
Sò de Venus feraõ, mas não de Pallas.
Irase o Portugues nunca vencido
E â colera rendido
Tam cegamente estava
Que do ferro levou, porque intentava
Nesta cruenta voda

Beber o sangue de Castella toda.

Aqui foy Troya, ò forte dura, & aveffa!

Aly se vê saltar hũa cabeça,

E aqui hũ braço falta,

Aquelle Ibero ouzado a perna falta,

Este semiviuente aqui suspira,

Aquelle exângue sem alento expira,

Partido estoutro em quartos de hũa balla

Curarse vay no ar à etherea sala

A queloutro de hũ golpe tam tremendo

O coração partido se está vendo,

Alyvendose está triste, hum penando

Viuva à mãy chamando;

Outro escapando das prisoês da morte

Dos filhos chora à ausencia, & da consorte.

Cortadas mãos apares

Ir saltando sevem por effes ares:

Mestres de campo, cabos, & validos

Aly se vem rendidos,

Espadas, dardos, lanças, capacetes,

Cujas plumagens foraõ martinetes

Do vento, se estaõ vendo nesta guerra;

Sobre a sanguin ea terra

Corpos mortos, pistolas, & bandeiras

Companhias inteiras

Vendosse estaõ do campo em toda aparte,

Eo bordado estandarte,

Murroens, peffas, borqueis, & quanto enferra

Em

Em seu poder o bravo Deos da guerra
Faltão as vidas, & o fumo cresce
Da quella nuvem negra que appareçe
Em fim que foy então no campo cudo
Horrenda confusão, abíssimo tudo
As olorosas flores
Perdem o cheiro a graça, a pompa, & cores
Vendose mal tratadas
Dos pés groceiros com que estão pisadas,
Triste despojo sendo desta sorte
Da doce Flora não, mas de Mauorte;
O Rio que da penha se defata
Purpura corre, se baixava Prata,
Se bem por bocas de coral suave
Está cantando grave
A gloria deste dia
Que se dantes chorava despois ria
De Portugal victoria se publica,
Que mais vistosa a fez, & fez mais rica
Aquelle Marialva invicto affombro
Que sustenta em seu hombro
Novo Alcides, o pezo bravo, & forte
Do cruento Mavorte.
Hum Xamberg, que timido, lá de França
Numa mão leva apenas, na outra a lança
De S. João o Conde sempre ouante
Magnanimo Gigante
Que fende forte, & válido a tropella

As mais remotas partes de Castella
Que he tal o seu valor, Que lâ sonhado
Tudo deixa sem cor, tudo turbado.
Hum D. Luis luseyro dos Menezes
Gloria dos Portuguezes
Que levando da espada
No Marcio defaño
Tengio em nacar o cristal do Rio
Dando juntos em taõ sublime empreza
A nação Portugueza
A mais fausta victoria
Que se esculpio no templo da memoria.
O graõ valor do Soufa, que a campanha
Em Roxo sangue de Castella banha
O valeroso Jaques
Dequem veloz a fama anda dizendo
Que sò de vello Iberia estâ tremendo.
Ataide que a gloria, em verdes annos
Dos Gregos escurece, & dos Romanos.
Mello que foy valente
Num mesmo tempo, entaõ funesto em fayo
Para nos defençaõ, pera elles Rayo.
Hum Cunha que não vè acara ao medo
Lobo, Luis, Ferreira, & Figueiredo
Sylueira que na belica estacada
Reduz a finza quanto fende â espada.

Aquelle Heroy valente
Na trombeta da fama celebrado

Cesar

Cesar discreto enfim quanto esforçado.

O valeroso Roque

Em cuja brava Costa, destrozada

De Castella se vé a gente armada;

O temerario Silva,

Que nesses campos silva

A fraqueza do Ibero;

Carvalho forte, & o Lobato fero

Outro esforçado Costa,

Hum Goes, & hum Maldonado,

Outro Silva esforçado,

E o Tavora valente

Pereira, de quem treme a Iberia gente

De Jupiter Erario

De Marte secretario,

Mendoça valeroso, Altivo, & forte

E outros, em quem poder não teve a morte:

Mas que muyto se já com taes extremos

Hum Scipião em cada Cabo temos;

Pois com vnidos modos,

Fortes vencerão a Batalha todos,

Com valor de tal casta

Que para Iberia toda hum só nos basta.

Naõ mais, ó Sylva minha,

Aos pés de Affonso Rey logo caminha

A dizer, que com gloria tam estranha

Delle Marrochos teme, & treme Espanha.

EM LISBOA. *com todas as licenças necessarias.*

Por DOMINGOS CARNEYRO. Anno 1665.